

Assunção Gonçalves: Artista e Educadora do Cariri Cearense

Assunção Gonçalves: Artist and Educator from the Cariri Region, in the State of Ceará

Ana Cláudia Lopes
de Assunção

Professora adjunta do
Departamento de Artes
Visuais da Universidade
Regional do Cariri/URCA.
ana.claudia@urca.br

Resumo: Este trabalho aborda a artista Assunção Gonçalves (1916-2013), oriunda da região do Cariri cearense, a partir da análise dos materiais e técnicas pictóricas explorados pela artista e de suas contribuições para o ensino/aprendizagem na sala de aula. Na análise das obras, buscou-se identificar seu processo de criação e suas relações com a cultura local, tendo como foco desse processo a trajetória de vida da artista e as conexões com sua produção, reconhecendo seu estilo, temáticas abordadas, técnicas e materiais explorados. Tratou-se de identificar quais as influências que a pintura de Assunção Gonçalves exerce sobre a cultura local e de que forma a artista organizou e sistematizou suas ideias e seus questionamentos para realizar suas pinturas. Além de suas pinturas, a artista é reconhecida como guardiã da memória da cidade de Juazeiro do Norte e como Mestre da Cultura pela execução de suas rendas e seus bolos confeitados, tendo recebido várias homenagens. Pretende-se que este trabalho dê visibilidade à trajetória de vida de Assunção Gonçalves como artista e educadora, podendo ser fonte de referência para o ensino/aprendizagem de Arte, assim como possa instigar os estudantes, professores/artistas/pesquisadores a buscar compreender as possibilidades e limitações dos materiais artísticos no campo da Pintura.

Palavras-chave: Assunção Gonçalves; Processo criativo; Ensino/aprendizagem em Arte; Cariri cearense.

Abstract: This paper comes on the Brazilian artist Assunção Gonçalves (1916-2013), from the Cariri region of the Ceará District, and discusses her contributions to teaching and learning processes on education from the analysis of materials and pictorial techniques used by the artist. In the analysis of the productions, it was identified the artist's creation process and her relation to local culture, as well as her life journey and its relations to her paintings. Also, it was addressed on Assunção's painting style, themes and materials used. It identifies which are the artist's influences over local culture and how she organized and systematized her ideas and questions in her paintings. In addition to her paintings, Assunção is acknowledged as a memory guardian of the Juazeiro do Norte City, and as a Culture Master for her handmade laces and frosting cakes, which awarded her many times. So, in this paper it is intended to enlighten Assunção Gonçalves' life journey as an artist and educator, as well as to raise concern on her chance to become a reference to Arts' teaching and learning processes by teachers, artists and researchers that aim understand the possibilities and limitations of artistic material on Painting.

Keywords: Assunção Gonçalves; Creative Process; Arts' teaching and learning processes; Cariri region. District of Ceará.

Assunção Gonçalves, artista/pintora e educadora, desde muito jovem iniciou suas atividades como educadora e seus experimentos com desenho e pintura, numa época em que ser artista mulher era algo bastante ousado. Ainda nesse período histórico e social, cabiam à mulher os afazeres do lar, "ali ela reina como senhora do lar, como dona de casa, como governanta e mentora dos filhos... no entanto era incapaz, pelas determinações de sua natureza, de voltar-se para as atividades abstratas, intelectuais e criativas." (SIMIONI, 2008, p. 65). Embora nem mesmo Assunção Gonçalves assumisse seu desempenho de pintora como uma atividade profissional, a artista se destacava no cenário local, apesar de ainda ser conhecida como a dona de casa que possuía habilidades em pintar, bordar e fazer confeitos de bolos.

Em 1º de junho de 1916 nasceu Maria Assunção Gonçalves Teles de Menezes, descendente dos primeiros habitantes de Joazeiro - como era chamada a cidade de Juazeiro do Norte anteriormente -, da 14ª geração dos Caramurus, uma tribo indígena que povoava a região.

Sua mãe, Izabel Teles de Menezes, é descendente do Brigadeiro Leandro Bezerra de Monteiro, fundador do sítio Tabuleiro Grande. Seu pai cultivava fumo e o seu manuseio era realizado em casa. O cheiro do fumo impregnado na casa onde moravam provocou a morte de seus irmãos ainda pequenos e, quando sua mãe engravidou novamente, na gestação de Assunção Gonçalves, os pais resolveram mudar de residência, por orientação médica. Residiu desde sua infância na Rua Padre Cícero nº 233, principal rua da cidade. Sua casa ainda hoje é conservada no estilo antigo, com a fachada com uma porta e duas janelas, e se localiza entre a Praça Central da cidade, Praça Padre Cícero e a Igreja Matriz, Paróquia de Nossa Senhora das Dores. Assunção Gonçalves ficou órfã de mãe muito cedo, entre seus cinco e seis anos; continuou a morar na mesma casa com seu pai e sua prima Josefina Gonçalves de Menezes, chamada de Zefina, pessoa que ficou tomando conta da casa e se dedicou à criação de Assunção Gonçalves, pois seu pai precisava trabalhar no roçado e passava muito tempo fora de casa. Sem muitos recursos financeiros, as duas enfrentaram as dificuldades com força e coragem, contando, também, com o auxílio dos pais de Amália Xavier, seu tio José Xavier de Oliveira (Dedé) e sua tia Umbelina Xavier de Oliveira (Bibi), pessoas que incentivaram Assunção Gonçalves a desenvolver suas atividades artísticas.

Foi contemporânea de Lampião e de Padre Cícero, figuras importantes na história e desenvolvimento da região. Assunção Gonçalves acompanhava o *Padim*¹ sempre que possível; era sua menina de recado e também sua secretária. Padre Cícero escrevia muitas cartas para autoridades pedindo por melhorias à cidade e, enquanto escrevia, a menina ficava ao seu lado esperando para passar o mata-borrão. Assunção Gonçalves representou essa imagem em 1975, como registro dos momentos que viveu em sua infância, como

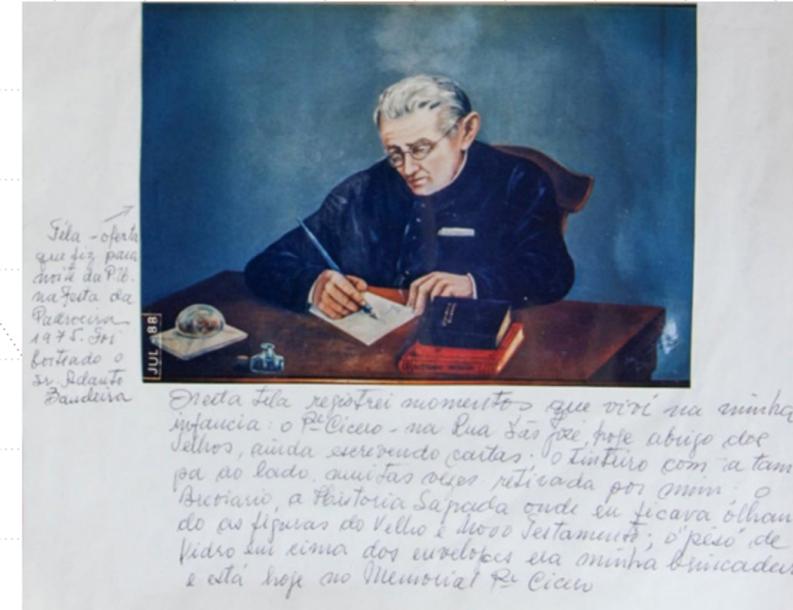


Figura 1. Retrato de Padre Cícero, 1975. 1 fotografia color. 10X15cm. Anotações do álbum de escritos e imagens. Foto: Verônica Leite.

ela descreve em seu álbum de escritos e imagens (Imagem 01). Entre as lembranças da infância, a artista gostava de ver as figuras dos livros que Padre Cícero colecionava; ela dizia que foi uma das coisas que a incentivou ser uma pintora.

Assunção Gonçalves iniciou seus primeiros traços ainda na infância, já sendo então perceptível a sensibilidade da artista pelos relatos de suas experiências estéticas com a paisagem local, como nos conta Íris Tavares (1997), sobre a referência inicial de seus esboços. Nesse tempo, era difícil o acesso aos materiais para desenho e pintura na cidade interiorana, assim como ter acesso a livros para esses estudos; porém, o olhar atento da artista despertou para as representações nas estampas dos tecidos que chegavam à cidade. Assunção se apropriava dessas imagens para o exercício de observação do desenho, rabiscando em papéis soltos suas primeiras inspirações. Nesse exercício que realizou de forma autodidata, descobriu suas habilidades para as atividades artísticas.

Foi incentivada pela família que, ao ver seus primeiros esboços, apoiou a artista para que se desenvolvesse nas atividades do desenho e da pintura. Entre seus familiares, foi seu tio José Xavier de Oliveira (Dedé) quem divulgou seus primeiros desenhos a diversas pessoas,

[1] Nome atribuído popularmente na região ao Padre Cícero.

anunciando o despertar de uma artista. Sua prima, Amália Xavier de Oliveira, filha de Dedé, deu sua contribuição para o desenvolvimento dos seus trabalhos, orientando-a como deveria aumentar e diminuir seus estudos para os desenhos, utilizando a técnica do quadriculado, comum àquela época.

Esse apoio que a artista recebeu da família foi muito importante, pois naquela época, as atividades artísticas eram compreendidas e aceitas na sociedade como atividades refinadas e de lazer desenvolvidas pelas classes abastadas, e às mulheres menos favorecidas cabiam as atividades manuais, como forma de adquirir habilidades destinadas às prendas domésticas a serviço do lar.

Assunção Gonçalves dizia que não se casou porque não teve tempo para isso, pois trabalhou muito e se ocupava demais com suas pinturas, seus bordados, com a confeitaria de bolos e as tarefas como professora, assim, não sobrava tempo para o casamento. A artista dizia que sua casa vivia cheia de amigos e isso preenchia o seu tempo de tal forma que para ela era o suficiente. Em sua casa, abrigava moças que vinham dos sítios circunvizinhos para estudar na cidade mais próxima, que era Juazeiro do Norte. A casa de Assunção Gonçalves foi adaptada com quartos e mobília adequados para receber as pessoas que precisassem de uma boa moradia, assim como o ambiente propiciava o convívio de boas companhias. Muitas dessas moças foram acolhidas como filhas adotivas, uma vez que Assunção Gonçalves assumia a responsabilidade e o compromisso de educá-las.

Foram muitos os seus desafios; sua coragem e sua ousadia fizeram com que se tornasse uma profissional na educação e nas artes, e mesmo rompendo com a tradição do casamento para a época, conquistou um lugar de respeito e admiração diante de uma sociedade patriarcal.

Pessoa muito querida e respeitada por guardar consigo as memórias dos grandes acontecimentos da cidade, tinha um baú no qual guardava preciosos documentos, jornais antigos, fotos, livros, revistas e objetos raros que podiam comprovar a existência dos fatos históricos que Assunção Gonçalves mencionava. Assim, deu uma contribuição de grande valia para manter viva essa memória expressa através de suas representações pictóricas, de seus testemunhos e relatos a pessoas interessadas, como estudiosos e pesquisadores da história da cidade de Juazeiro do Norte.

Em 1988, foi diagnosticada com leucopenia, uma doença que causa a diminuição dos glóbulos brancos e, conseqüentemente, deixa o organismo vulnerável, perdendo a imunidade, o que a impossibilitou de continuar a pintar com a tinta a óleo. Assunção Gonçalves continuou realizando seus confeitos de bolo, suas rendas e bordados. Morreu em 19 de maio de 2013, faltando quase um mês para inteirar seus 97 anos.

No coração da casa, na cozinha: Alta Confeitaria e Rendas de Bilro

Além das pinturas a óleo, Assunção Gonçalves desempenhava atividades de Alta Confeitaria e a confecção de rendas de bilro, sendo muito solicitada na cidade para a feitura de bolos confeitados e ornamentos para festas de casamento, aniversário, batizado e comemorações importantes da igreja, assim como para a confecção de suas rendas. Assunção aprendeu a manusear os bilros em seus bordados desde os seis anos de idade; quem lhe ensinava era sua tia Umbelina, Bibi, como era chamada carinhosamente. Para a artista, a atividade de bordar fazia parte do seu dia a dia, não servia como fonte de renda, pois em sua maioria, confeccionava as peças para presentear pessoas de sua convivência. A artista se considerava uma sumidade na arte de bordar, fazer crochê e rendas de bilros (Imagem 02).



Figura 2. *Rendas de bilro confeccionadas por Assunção Gonçalves, [s/d].*
1 fotografia color. 10x14cm. Foto: Verônica Leite.

Francisquinha foi parceira de Assunção Gonçalves na feitura da Alta Confeitaria e entre elas guardavam um segredo revelado por Francisquinha: todos pensavam que os bolos eram confeccionados por ambas, porém quem preparava a massa do bolo, os recheios e os sequilhos era Francisquinha. Assunção Gonçalves nunca chegou perto da cozinha, de acordo com Francisquinha:

As duas tinham uma parceria de cumplicidade; quando a encomenda chegava, combinavam como seria o formato do bolo, altura e dimensões, e Francisquinha preparava a massa do bolo do jeito que haviam combinado (Imagem 03).

Eu fazia os bolos, preparava, botava na forma, deixava tudo organizado, batia glacê, arrumava. Ela dizia: 'quando estiver tudo pronto me chama'. Quando estava tudo pronto eu dizia: 'pronto, Assunção'. Aí ela chegava só para decorar. (MENEZES, 2015, [s.p]).

A confeitaria dos bolos era confeccionada com a mesma dedicação e primor que Assunção Gonçalves pintava suas telas, pois, de acordo com a encomenda, seus temas variavam; pintava paisagens, cenas religiosas ou bíblicas, e até mesmo pintava o retrato do homenageado sobre o glacê, utilizando tintas adequadas para confeitaria, com tantos detalhes e realismo quanto fazia em suas telas (Imagem 04).

Assunção Gonçalves intensificou as atividades da Alta Confeitaria após a notícia de sua doença e o impedimento de continuar suas



Figura 3. *Francisquinha e Assunção Gonçalves no processo de acabamento do bolo confeitado, [s/d].* 1 fotografia, color. 10X15cm.
Álbum de bolos confeitados.

pinturas a óleo sobre tela, uma vez que viu nessa atividade uma possibilidade de continuar a desenvolver sua arte de pintar, utilizando outros materiais e técnicas. Pode-se dizer que se realizava como artista na feitura das pinturas da confeitaria.



Imagem 04: *Bolo confeitado por Assunção Gonçalves, 2000.* 1 fotografia, color, 10x15cm. Álbum de bolos confeitados.

A pintura de Assunção Gonçalves como um lugar de memórias

O percurso por encontrar as pinturas de Assunção Gonçalves presentes na cidade de Juazeiro do Norte não foi fácil, foram momentos de emoção e também de desencanto. Emoção ao ver suas obras em exposição tanto em espaços públicos quanto em acervos particulares, na casa de pessoas que, na maioria das vezes, tiveram uma aproximação afetiva com a artista, eram seus amigos, parentes ou ex-alunos que, de alguma forma, participaram mais efetivamente do seu cotidiano. Nesses acervos particulares, as obras encontram-se, na sua maioria, bem guardadas e zeladas por seus proprietários. Quanto às obras que estão nos espaços públicos, nem todas estão acondicionadas com os devidos cuidados de preservação e conservação necessários, muitas sem sequer a devida identificação. Junto ao registro das obras originais encontradas, acrescentam-se as produções que estão no seu álbum de escritos e imagens, e no seu álbum de referências de imagens de santos.

Algumas de suas pinturas eram reproduções, todas devidamente identificadas, já que a artista registrava, junto à sua assinatura, a palavra *reprodução* abreviada. Uma peculiaridade da artista ao representar suas produções pictóricas era criar diferentes versões para um mesmo tema. Isso é muito frequente nas representações das imagens de santos como, por exemplo, os *Cristos*, o *Coração de Maria* e o *Coração de Jesus*, *A Samaritana* e, as *Ceias largas*; a artista também pintou, em diferentes versões, os *Juazeiros antigos* e chegou a representar a mesma cena em diferentes momentos do dia: manhã, tarde e noite. Não é possível afirmar se essa foi uma de suas experimentações em relação ao Impressionismo, estilo ao qual ela teve acesso por meio de impressos e presencialmente quando foi ao Rio de Janeiro. Sendo que não há registros ou depoimentos sobre isso, essa é uma hipótese a ser averiguada em outros trabalhos de

pesquisa, já que não é o foco deste trabalho.

Assunção Gonçalves fez a opção por ficar na cidade de Juazeiro do Norte em vez de buscar formação artística nos grandes centros. Em sua cidade natal, onde despertou desde a infância para a arte de desenhar e de pintar, e fez seus primeiros experimentos, criava sua própria tinta para dar o efeito semelhante à aquarela, de transparência, diluindo o papel de fazer bandeirinhas em álcool, assim como fazia seus próprios pincéis, com penas de galinha. Buscava sua inspiração nas imagens impressas nas peças de tecidos e nas revistas ou fotografias que serviam como referências para seus desenhos e pinturas. Sua aprendizagem em pintura se deu com duas senhoras que vieram de Fortaleza e aprenderam arte nas escolas da capital, também através dos manuais, livros, revistas e jornais com informações sobre história da arte e sobre técnicas de desenho e de pintura que amigos frequentadores de sua casa traziam para presentear a artista, além de suas idas ao Rio de Janeiro.

Assunção Gonçalves viveu num período em que a cidade de Juazeiro do Norte estava em pleno fervor religioso, o chamado catolicismo popular, pela presença do líder religioso Padre Cícero, que influenciou no crescimento e desenvolvimento econômico da cidade, promovendo e incentivando a peregrinação de milhares de pessoas atraídas pela fé, em busca de conforto aos seus sofrimentos.

A artista era uma pessoa religiosa e assídua dos rituais católicos; acompanhou de perto todo esse fervor e tinha por hábito guardar o registro de todos os acontecimentos da cidade. Considerada como a guardiã da memória da cidade, sendo solicitada sua presença sempre quando havia conferências na cidade sobre o tema, podendo-se dizer que a história da cidade também é um pouco de sua própria história. Nesse emaranhado de guardados, memórias e afetos, é que se procura encontrar as referências imagéticas do universo mítico/

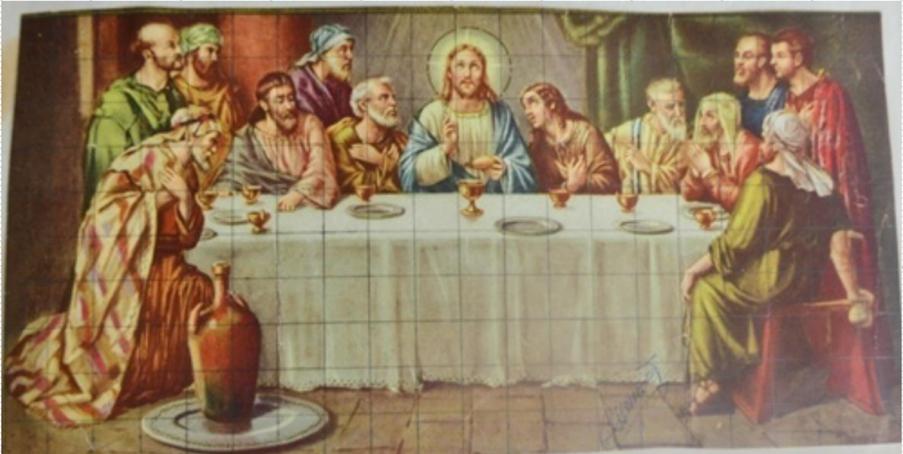


Imagem 05: *Técnica do quadriculado para estudo de imagem de santos*, [s/d]. 1 fotografia color. 10x15cm. Foto: Carlene Cavalcante.

religioso dessa artista para compreender processo de escolhas para suas temáticas, materiais e técnicas na pintura.

O cenário imagético repleto de imagens de santos presentes nas igrejas e de imagens de “santinhos”² que eram distribuídos influenciou Assunção Gonçalves no desenvolvimento das suas temáticas religiosas. Com seu olhar de artista e assídua frequentadora da igreja, essas imagens não passavam despercebidas, pois ela ficava as admirando e analisando suas formas compositivas.

A artista utilizava esses “santinhos” como referência para suas pinturas; organizou todas as imagens que reuniu e deixou o registro de seus estudos num álbum de referências de imagens de santos. Selecionava algumas imagens e fazia o estudo de proporções, quadriculando por cima da imagem, uma técnica do desenho de ampliação da imagem. Inspirada nas figuras do seu álbum, Assunção Gonçalves ampliava para a tela de pintura a representação da cena com os personagens de santos que queria representar. Foram encontradas algumas dessas referências em suas pinturas, como exemplo, a última ceia com os apóstolos (Imagem 05).

Ao analisar uma obra de arte, podemos identificar vários aspectos expressos em sua imagem, como, por exemplo, o processo de sua criação e execução, que implica muitas vezes numa junção de ideias, esboços e pesquisas, que são elaborados e sistematizados. Seu desenvolvimento envolve a utilização dos materiais e a escolha

da técnica a ser desenvolvida, bem como a conexão desse processo com o meio social e cultural do artista.

Foi analisado, também, o contexto da obra de Assunção Gonçalves em consonância com o depoimento de artistas e pessoas que conviveram com ela, como Luiz Karimai, pintor reconhecido na região, e um dos poucos que analisou a sua obra procurando entender a especificidade da época: “é necessário relativizar e entender a conjuntura, a situação da época dela. Não é possível aplicar conceitos fechados sem entender a sua condição de mulher, a condição local.” (KARIMAI, 2003, [s.p]). Ainda, diz mais em relação ao estilo de pintar da artista: “O invólucro, a embalagem pode ser chamada de acadêmica, mas isso não quer dizer nada. Os surrealistas são vanguardas em termos de mensagem, mas são estritamente acadêmicos (em termos de técnica).” (KARIMAI, 2003, [s.p]). Outro importante depoimento é o de Ângela Morais, artista e educadora: “Acadêmica quanto ao estilo e técnica, e naif quanto ao modo de colocar o que sente, vê e o que contam para ela”. (ALENCAR, 2003, p. 16).

Petrônio Alencar, artista local, tem Assunção Gonçalves como uma referência para história da arte local e faz uma observação quanto ao processo de criação da artista, a de que Assunção Gonçalves possui o “olho de artista”, pois mesmo com as precárias condições de acesso à informação e aos materiais para pintura, demonstrava uma “sensibilidade ao olhar a realidade, ao perceber as nuances do verde, do azul do céu, da cor das nuvens, da terra, dos tons terrosos... a qualidade da pintura da artista vence as falhas técnicas da pintura”. (ALENCAR, 2014, [s.p]). Acrescenta ainda, que além da influência clássica em suas pinturas, percebe a influência das correntes artísticas do século XIX, do Romantismo, dos impressionistas, pela forma que utilizava a cor em suas pinturas. (ALENCAR, 2014, [s.p]).

Como se percebe nos depoimentos, a artista não foi uma

[2] Pequenos cartões impressos, produzidos em grandes quantidades para distribuição e uso entre os seguidores da Igreja Católica, com imagens de santos ou de cenas bíblicas.



Imagem 06: *As três versões do Juazeiro antigo*, [s/d]. 3 fotografias color., 10x15cm. Fotografias do álbum de escritos e imagens. Foto: Verônica Leite.

acadêmica no sentido de ter cursado uma escola oficial de Belas Artes, mas também não deixou de buscar informações sobre o que estava acontecendo no campo das artes, não sendo tão precárias assim suas condições em relação à arte. Entre suas leituras e viagens, construiu conhecimentos sobre estilos e técnicas artísticas e formulou conceitos a respeito de suas preferências no campo da arte, dizendo não se identificar com a arte moderna.

Em relação ao seu estilo, em concordância com os depoimentos, em primeiro lugar não havia uma intenção da artista para explorar determinado estilo ou propor uma configuração visual diferente. Suas pinturas eram representadas de forma espontânea, mais preocupadas com o registro da memória de determinadas cenas da paisagem urbana, de acontecimentos importantes, dos retratos de personagens da história e de suas inspirações com as imagens de santos e de cenas bíblicas.

A obra mais recorrente de Assunção Gonçalves é, sem dúvida, o *Juazeiro antigo*, onde retrata a paisagem dos primórdios de uma cidade que começava a surgir. A artista pintou várias versões diferentes desse tema, visto de ângulos diferenciados e em períodos do dia diversos. São os Juazeiros diurnos e noturnos; o que define a mudança de horários nas cenas é o tratamento da luz na pintura, uma vez que a artista trabalha com as cores de acordo com a atmosfera que pretende causar na cena. Para o amanhecer, uma luz mais clara, para o fim de tarde, uma luz alaranjada, e para o Juazeiro noturno predomina um azul mais intenso, com focos de luz alaranjada que sai de dentro das casas. No seu álbum de escritos e imagens encontram-se fotografias dessas três versões (Imagem 06).



Imagem 07: GONÇALVES, Assunção Gonçalves. *O pacto da paz*, 1978. 1 original de arte, óleo sobre tela, 1,10 x 1,70 cm. Acervo Câmara dos vereadores de Juazeiro do Norte. Foto: Verônica Leite.

O tema das paisagens de *Juazeiro antigo* surgiu a pedido de algumas pessoas mais idosas às quais Assunção Gonçalves gostava de dar atenção e conversar: “o Juazeiro foi a pedido das velhas, eu tinha mania por velho, gostava de conversar com eles” (GONÇALVES, 2003, [s.p]). Foi através dessas conversas que as “velhas” incentivaram a artista a iniciar sua representação das paisagens, das ruas, das igrejas e de um Juazeiro do Norte do passado, já que não havia registro fotográfico dessas imagens, só as lembranças dos moradores mais antigos. Dessa forma, iniciava suas experimentações pictóricas como registro da memória do povo da cidade e, até hoje, essa é a temática mais reconhecida pelas pessoas.

Assunção Gonçalves imaginou essa paisagem a partir desses relatos, ou seja, as pessoas iam contando o que havia naquele lugar antes de se tornar a cidade de Juazeiro do Norte. Segundo esses relatos, lá era o sítio Tabuleiro Grande, com três frondosas árvores de Juá, lugar ideal para o repouso dos tropeiros e viajantes que por ali passavam carregando mercadorias para comercializar nas cidades circunvizinhas, sendo o local ideal para o descanso à sombra. O vilarejo tinha ainda uma capela e um casario antigo feito de taipa.

Uma importante pintura de Assunção Gonçalves foi a polêmica pintura *O pacto dos coronéis*, ou *O pacto da paz* (Imagem 07), que se encontra na Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, adquirida na administração do presidente José Viana Neto, entre os anos de 1981 e 1982. A polêmica inicia-se pelo seu nome pois, de acordo com as informações levantadas, há controvérsias em relação ao título dado por Assunção Gonçalves. O título que consta na Câmara Municipal é *O pacto da paz*.

No primeiro dia de sua posse como o primeiro prefeito da cidade de Juazeiro do Norte, no ano de 1911, Padre Cícero, filiado ao extinto Partido Republicano Conservador (PCR), convocou todos os chefes políticos do Cariri para uma sessão política, a fim de apresentar um documento para ser votado por todos, documento este que passou a chamar o *Pacto dos Coronéis*. O documento propunha regras de convivência, um pacto de não violência entre os déspotas sertanejos para que dali por diante cada um se comprometesse em estabelecer uma solidariedade política, de reconciliar os adversários e lavrarem um pacto de harmonia política seguindo as determinações do artigo denominado *Fé política*.

O receio era o de que a reunião acabasse em tiro. Nunca se viram – nem jamais se voltaria a ver – tantos coronéis sertanejos assim reunidos em um mesmo lugar, como naquele 4 de outubro de 1911, em Juazeiro, o dia da posse de Cícero na prefeitura. Lá fora, as ruas estavam enfeitadas de bandeirinhas de papel e a banda do mestre Pelúcio de Macedo fazia a festa. No interior da casa que sediou a solenidade oficial, os dezesseis homens vestidos em roupa de domingo foram recebidos com chuvas de flores e papel picado. Mas não escondiam de ninguém que ruminavam uma coleção de rancores mútuos. (NETO, 2009, p. 331).

A pintura representa o registro histórico do coronelismo no Brasil, um acontecimento político que teve sua importância para o desenvolvimento da cidade do Juazeiro do Norte, e foi uma encomenda

dos vereadores a Assunção Gonçalves que, a partir do livro de atas da histórica reunião, conseguiu obter alguns detalhes para construir essa imagem. A sala onde aconteceu a cena já foi palco de outros acontecimentos históricos e afetivos para a artista.

Suas representações pictóricas revelam muito do seu cotidiano; em suas temáticas religiosas, sociais e políticas, trazia para suas telas cenas que contavam uma história de um lugar não muito distante, um lugar guardado em suas lembranças, registradas por suas pinturas.

A ambição da artista é que antes de morrer realize o seu projeto tão desejado: seria a história de Juazeiro contada fielmente pelos seus pincéis, em painéis, onde estivessem estampados os diversos fatos e acontecimentos da cidade. Seus tempos idos que numa promessa parece nunca se apagar da memória, em relatos contados pelos avós que ainda hoje estão alojados nas paredes coloridas do seu cérebro, esperando um dia transformar o passado em realidade, escrevendo com o pincel uma história fiel, cujas formas e cores fossem o maior testemunho de antigas imagens que o tempo não conseguiu apagar. (TAVARES, 1997, p. 21).

Suas pinturas são os registros que ficaram da memória dessas narrativas, assim como sua própria casa ainda guarda hoje parte dessas memórias. O que se percebe do conjunto de suas produções pictóricas é que a artista tinha por intenção deixar expresso, através das cores e das formas, esses registros. Suas temáticas na pintura retratam a cidade de Juazeiro do Norte num período de efervescência religiosa com a presença de Padre Cícero e são o registro documental da paisagem urbana e de personagens do cotidiano simples de uma artista e educadora. A artista também pintava parte de sua experiência de vida, como é o caso dos temas religiosos, influenciados pela sua ativa participação nas atividades da Igreja.

Considerações finais

Analisar as pinturas de Assunção Gonçalves trouxe à tona a referência da artista, professora e pesquisadora que, mesmo com todas as dificuldades pelas quais passou, por morar numa cidade ainda em desenvolvimento no interior do estado do Ceará e pertencer a uma sociedade patriarcal na qual as mulheres eram educadas para servirem aos maridos em seus lares, conseguiu se destacar no cenário artístico da cidade, ganhando respeito e reconhecimento da sociedade local. Suas inquietações diante das dificuldades de acesso à compra de materiais para pintura a incentivaram a buscar novas possibilidades de experimentos na pintura. Ela representa uma importante contribuição para o ensino/aprendizagem em Pintura, referente ao uso de materiais e técnicas.

O processo de análise e reflexão sobre a trajetória de vida de Assunção Gonçalves como artista e educadora proporcionou uma reflexão sobre o processo de criação da pesquisadora, culminando num processo de experimentos artísticos que buscava identificar as possibilidades e limitações dos materiais e técnicas utilizados pela artista. Os experimentos realizados resultaram numa produção pictórica pessoal, que foi exposta na galeria da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais- EBA/UFMG, como parte da defesa da tese realizada nessa IES. A partir desses processos de experimentos com os materiais e técnicas pictóricos realizados neste trabalho, originou-se o Grupo de Pesquisa Ateliê de Pintura: possibilidades e descobertas dos materiais e técnicas pictóricas, do Departamento de Artes Visuais – CArtes/URCA, que atualmente desenvolve pesquisas de produção de tintas a partir dos pigmentos minerais encontrados na Floresta da Chapada do Araripe.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Petrônio Sampaio. **Assunção Gonçalves: um estudo biográfico**. Crato: Graduação em História/URCA, 2003. Relatório.

NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: Pintoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008.

TAVARES, Íris. **Assunção Gonçalves: Uma vida dedicada à arte**. Juazeiro do Norte: Edições IPESC – URCA, 1997.

Entrevistas

ALENCAR, Petrônio Sampaio. Entrevista concedida a Ana Cláudia Lopes de Assunção. Câmera digital (60min.). Juazeiro do Norte, abr. 2014.

GONÇALVES, Maria Assunção. Entrevista concedida a Petrônio Sampaio Alencar. 1 fita cassete (150 min.). Juazeiro do Norte, out. 2003.

MENEZES, Francisca Gonçalves. Entrevista concedida a Ana Cláudia Lopes de Assunção. Câmera digital (60min.). Juazeiro do Norte, abr. 2015.

KARIMAI, Luiz. Entrevista concedida a Petrônio Sampaio Alencar. 1 fita cassete (150 min.). Juazeiro do Norte, out. 2003.